

MIGRANDO DA IGREJA INSTITUCIONAL PARA A ORGÂNICA

Gerson Lima

Eu estava pensando sobre quebrantamento enquanto vinha pra Conferência, então erreí o caminho e cheguei aqui bem humilhado. Deus tem umas maneiras engraçadas de fazer a gente andar com o coração no céu e os pés na terra.

Eu estive pensando, orando sobre o desafio do encontro – que não é essencialmente um estudo bíblico pra quem vai falar, uma conferência ou uma exposição bíblica, não é um treinamento no sentido litúrgico, mas um ajuntamento de pessoas que estão com o coração inquieto com relação a conhecer a vontade de Deus para este tempo e que especialmente se ajuntam para compartilhar experiências em relação ao caminho da igreja, às práticas, aos erros e aos acertos. E quando se fala de experiência, a palavra tem que fluir muito mais do coração do que da cabeça. A gente tem que abandonar bastante o estilo de oratória e voltar pro diálogo. Eu vou ser um pouco compacto em conteúdos e deixar alguns pensamentos pra considerar depois no seminário. Vamos abrir em Lucas 5 e ler o texto de Jesus sobre vinho novo em odres novos (Lc 5.37-38): “E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos e ambos se conservam”.

Eu coloquei na minha mensagem o título “Migrando da igreja institucional para a igreja orgânica”. Eu penso que é exatamente isso que o Senhor tem me desafiado a viver, a compartilhar. Tenho tido o privilégio e a misericórdia de estar viajando nos últimos anos por vários estados do Brasil e de me relacionar com muitas pessoas diferentes. Embora haja um ambiente muito eclético, diversificado, de alguma maneira o eco dessa migração, o sussurrar de todos os lados, essa inquietação interior de encontrar o caminho equilibrado para que a igreja responda ao propósito de Deus no tempo em que estamos vivendo é um desafio porque nós temos o vinho novo, que seria a revelação da palavra atual para os nossos dias, ou o mover de Deus proveniente da palavra de Deus revelada pra este tempo. Na época de Jesus, era muito comum as pessoas compreenderem a analogia com o vinho e com o odre. Fazia parte da cultura: vinho novo expele gases e entra num processo de fermentação; se ele é colocado em odres antigos, estes se rompem porque não são elásticos, não são flácidos e não permitem acomodar um conteúdo numa forma nova. Na verdade, estando o odre trincado, rachado, perde-se tanto o odre como também o vinho.

Jesus estava respondendo às inquietações dos judeus sobre o fato de os discípulos não jejuarem. Era uma luta por tradição. O que o Senhor está falando é que não traria o novo para se acomodar a uma estrutura velha, mas que o novo, que ele traria, geraria também uma estrutura orgânica, uma forma, um meio vivo para comportar esse mover novo, que era a dispensação da graça. Nunca se deve entender vinho novo sem a essência do evangelho. Não há vinho novo sem proclamação do evangelho bíblico, do evangelho cristocêntrico, puro. Muitas pessoas hoje falam de vinho novo, mas é mais um mover de linha mística,

ministerialista, filosófica. Não podemos nos prender a um pseudovinho novo que esteja desassociado da essência do evangelho, da revelação de Jesus Cristo que tanto nos transforma à sua imagem também.

Portanto Jesus estava falando de um novo estilo, de uma nova fase da obra de Deus na terra que aquela estrutura que havia no V.T., e se tornou judaísmo, não comportaria. O judaísmo se tornou uma religião. Deus fez muitas coisas no passado, mas os judaizantes não acompanharam o atual e se aferraram ao que Deus abençoou e até o idolatraram. Transportando para os dias em que estamos vivendo, isso significa que nós queremos adaptar o evangelho para justificar as nossas estruturas ultrapassadas.

Nós sabemos que para a volta do Senhor será necessário que Jesus restaure a igreja como seu testemunho. E se vamos compartilhar disso, nós temos que estar dispostos, corações abertos, responsivos a ouvir o Senhor e permitir que a palavra seja superior às nossas estruturas.

A igreja como resultado da liderança ou do ministério

Há um versículo que diz: “Não havendo sábia direção, o povo cai” (Pv 11.14). A queda do povo é resultado da má direção da liderança. Uma outra passagem, no pensamento mais próximo da língua em que foi escrita, confirma isso: “Não havendo visão profética, o povo se desintegra” (Pv 29.18). Hoje temos uma desintegração em alta escala. Pessoas estão se desintegrando em comunidades e buscando algo que seja mais prazeroso pra si. Nós realmente precisamos voltar à revelação profética, ao *kairós* de Deus, ao que Deus, em sua economia, de acordo com sua palavra e com o seu trabalhar na história, reservou para o tempo em que nós estamos vivendo. Ninguém na história da igreja e nenhum líder na bíblia puderam ser úteis a Deus, exceto se responderam ao chamado de Deus para sua época e trabalharam de acordo com o que Deus estava fazendo naquele tempo.

O Espírito Santo trabalha de acordo com o propósito de Deus. Se Deus avançou, nós não temos como fazê-lo recuar. E esse tem sido um dos motivos do nosso fracasso. A gente quer cooperar com a obra de Deus, mas não avançar, não aceitar ser confrontado, desafiado ao novo do Senhor. Há uma certa cegueira de nossa parte porque nós culpamos a igreja no sentido geral, mas nos esquecemos que, de alguma maneira, a prática da igreja é o resultado do estilo de ministério. Toda obra revela o caráter do seu construtor. Basta olhar a situação das comunidades e das igrejas locais, e nós teremos o perfil da liderança atual. As igrejas têm se tornado o resultado de lideranças ou do ministério. Se estamos num ambiente de reflexão, nós temos que também voltar o nível para o perfil de liderança.

De maneira simples, a gente vê que se a igreja é o resultado do funcionamento do ministério, o problema não está na igreja em si, mas sim no rumo espiritual que ela está seguindo. Não adianta tratar na periferia, se as raízes estão com os problemas, se os problemas estão no fundamento. Se estivermos sendo guiados por homens institucionalizados,

nos tornaremos uma estrutura inflexível aos avanços do Espírito Santo. O que eu quero falar sobre o fato de estarmos possivelmente institucionalizados? Significa estarmos fechados a coisas que Deus fez no passado, que, no entanto, eram transitórias. Congelamos essas coisas como algo estável que não aceita reforma, mudança. Não podemos falar que Deus não fez. Ele fez, só que Deus é um Deus vivo, é um Deus que se move. É um Deus que renova, é um Deus de propósito. E nós, às vezes, quebramos as pegadas da obra de Deus porque ficamos dando voltas e voltas no que ele fez num determinado tempo e nos esquecemos de avançar.

Nós cremos que o Senhor está querendo levantar a igreja como uma expressão de corpo. O corpo é resultado da vida, da revelação. O tamanho da vida da igreja que teremos é proporcional à revelação que recebemos. Se a nossa revelação é antiga, possivelmente nós somos pessoas antiquadas, atrasadas ao tempo. É óbvio que os fundamentos da palavra são irremovíveis. Ninguém pode mudar o que foi posto uma vez por todas em relação a Cristo, à palavra, mas o avanço da obra de Deus é contextualizado com o tempo. O livro de Atos não acabou no capítulo 28. O livro de Atos “termina” no capítulo 28, mas o mover de Deus não fechou ali, ele avançou. Atos não é um livro sistemático, mas de história. E é a história de uma vida que está se multiplicando no corpo. Essa vida chegou até nós. Essa vida está avançando. Se a gente oferece espaço, ela nos leva. Se oferecemos resistência, ela vai transpor e vai avançar, e nós corremos o risco de ficar para trás.

Pedro, um homem institucionalizado

Um exemplo de líder institucionalizado podemos encontrar em Pedro. Nós sabemos que Deus deu as chaves do reino a ele. Não se diz “chave”, no singular, mas “chaves”, no plural. A primeira vez que ele usou as chaves foi em Atos 2, no Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado. Diz a bíblia que Pedro se levantou com os onze. Ele pregou a palavra, abriu as portas do reino e ali se converteram 3000 pessoas. Mas quando nós chegamos no final do capítulo 9, vamos encontrar que o Senhor deixou Pedro na casa de um Simão curtidor, em Jope. E no capítulo 10, vemos Cornélio, um centurião da corte romana, orando a Deus e, como consequência, um anjo vindo, respondendo à sua oração e dizendo-lhe para enviar soldados que trouxessem Simão, que tinha por sobrenome Pedro, e se encontrava em casa de Simão, o curtidor. Muito interessante que a profissão de curtidor era discriminada, era um trabalho considerado imundo, os que a ele se entregavam tinham que ficar perto do mar ou de um rio porque o cheiro era horrível e tinha que circular vento. Em suma, a pessoa não era bem-vinda no meio da cidade. Dessa forma, Simão curtidor era alguém esquecido segundo a história, e Pedro foi parar ali, depois de ressuscitar uma mulher chamada Dorcas. Era por volta do meio-dia, e Pedro estava orando. Ele teve uma visão: um lençol do céu vindo preso pelas suas quatro pontas, cheio de quadrúpedes, répteis imundos. Ele achou aquilo estranho, mas uma voz falou com ele: “Simão, mata e come”. E nós lembramos qual foi a resposta que ele deu: “Não, Senhor, de maneira nenhuma, porque eu nunca comi coisa comum ou estranha, ou

imunda”. E por três vezes o Senhor falou com ele. A visão era muito estranha, embora a voz fosse do Senhor. Pedro ficou com a tradição ou tropeçou na estranheza da visão, e por isso rejeitou a voz.

Isso é um exemplo de pessoa institucionalizada. Ele se afezrou a algo que Deus falou no V.T.: que não se poderia digerir animais imundos, embora estes constituíssem uma tipologia, representando os gentios. Aqueles animais representavam todos nós que estamos aqui; um tipo do que éramos. Somos ovelhas por natureza, mas estamos ainda no processo de transformação. Pedro deveria atender àquela visão, pois tinha recebido as chaves do reino; do contrário, interromperia o avanço da obra de Deus.

Deus confiou as chaves a Pedro e naquele momento teve que repreendê-lo. Deus disse: “tem uns homens aí procurando você; desce sem perguntar coisa alguma”. Deus falou dessa forma porque certamente Pedro iria contender. Pedro desceu e foi à casa de Cornélio. Lá chegando, disse que não era muito lícito a um homem judeu entrar na casa de gentio e comer com ele, mas Deus lhe havia mostrado que não devia considerar imundo o que ele tinha purificado. Pedro começou a ter a interpretação de que aqueles animais se referiam aos gentios que seriam purificados pelo sangue, fruto da graça de Deus.

Mas você imagine: Pedro recebeu as chaves e usou apenas uma. Ele não queria abrir a porta da palavra aos gentios por causa da tradição judaica. E antes mesmo que ele terminasse de pregar, o Espírito Santo o interrompeu e se derramou sobre os gentios. Pedro ficou extasiado e chegou à conclusão de que não se podia recusar a água do batismo àqueles que, como os judeus, receberam o dom do Espírito Santo. Mandou que fossem batizados. Logo depois, quando chegamos ao capítulo 11 de Atos, vemos que a igreja confrontou Pedro. Curioso, pois deveria haver um regozijo tremendo na igreja de Jerusalém, afinal de contas Pedro era o pioneiro, era o apóstolo mais forte entre os 12, a igreja estava seguindo a doutrina dos apóstolos. Mas não foi isso que aconteceu: “Você entrou em casa de gentios e comeu com eles. Você está contaminado, fermentando a igreja com paganismo”. Pedro, como um apóstolo, devia subir a Jerusalém e passar a expor minuciosamente que não havia sido ele, mas o Espírito Santo que avançara acima da cultura, acima de todo o subjetivismo dele, que o quebrantara e se derramara sobre aquelas pessoas. E posteriormente em Atos, capítulo 15, houve um concílio para considerar se os gentios deveriam ou não ser circuncidados.

Vemos, assim, que o vinho novo do Senhor estava sendo derramado e, à medida que isso acontecia, edificavam-se odres novos, que seriam um estilo da igreja como organismo vivo, desprendido de toda essa herança religiosa. Mas não havia odres novos sem vinho. Nós, às vezes, pensamos que podemos ter uma estrutura boa para conter o novo de Deus, mas isso é humanismo, nós não conseguimos fazer nada de bom. É a revelação de Jesus transformando pecadores em pessoas que pela graça passam a ter comunhão com ele que gera algo adequado para conter essa graça.

Eu fico imaginando que a igreja em Atos já era uma igreja “gloriosa”, multiplicava os seus bens, a sombra de Pedro curava, este era um grande líder, a obra de Deus estava

avançando de forma tremenda, pessoas ressuscitando e, ainda assim, Pedro era um homem institucionalizado. Isso mostra pra nós que podemos em alta escala estarmos institucionalizados, presos a muitas coisas que impedem o fluir da obra de Deus. Por mais que as visões sejam estranhas, nós precisaremos ser reeducados pra ouvir a voz de Deus. Ao mesmo tempo, é também necessário desconfiar da visão, entender que ela muitas vezes é transitória, e não tentar adaptar a palavra pra justificar as nossas práticas, mas nos abriremos para que a revelação da palavra mude as práticas e as nossas práticas sejam resultado da palavra. A palavra produz comunhão. Comunhão produz serviço. Serviço gera ministério. Ministério gera frutos, e assim vai se ampliando o trabalho do Espírito Santo. Mas sem a revelação da palavra, produzimos estruturas, instituímos ofícios, cargos, ativismo, programas e tantas outras coisas que chamamos de igreja mas que, na verdade, não têm nada a ver com igreja.

Eu estou ilustrando isso com Pedro porque ele é o ícone principal do treinamento de Jesus com os 12 nos quatro evangelhos e do capítulo 1 ao 12 do livro de Atos ele é a pessoa que representa a liderança da obra de Deus. No capítulo 13, nós temos a transição de Pedro para Barnabé e Paulo. E ali a obra de Deus tomou um outro curso com os gentios e surgiram outros aspectos que a palavra começou a trazer. Apesar dessa proeminência de Pedro, nós encontramos que Jesus resistiu a Pedro várias vezes. O Pai resistiu a Pedro no capítulo 17 de Mateus, quando Pedro falou: “Bom estarmos aqui, vamos fazer três tendas”. A reprova do Pai veio com estas palavras: “Este é o meu Filho amado, a ele ouvi”. Depois, o Espírito Santo fez calar a Pedro quando este estava pregando na casa de Cornélio. O Espírito Santo avançou e foi derramado sem Pedro fazer apelo, sem terminar, sem nada. E quando nós chegamos a Gálatas 2, vemos Paulo repreendendo a Pedro. Se Pedro era alguém que tinha as chaves, se era alguém que seria pioneiro e avançaria derramando vinho para muitos lugares, esse vinho precisaria ser purificado, ele não poderia ser fermentado com o judaísmo.

Então se também seremos pessoas com as quais o Senhor contará, ele vai nos colocar em diferentes situações com conflito, com paradigmas diferentes, para sermos quebrantados de diferentes maneiras. E isso para que nós não venhamos a ficar em odres velhos que estão sempre rotos e não comportam vinho. Eu, às vezes, me deparo com pessoas que falam: “porque estamos na visão atual, a igreja não cresce, pois esse é um caminho muito estreito. Muitos não são de Deus, por isso não ficam conosco. Se fossem de Deus, ficariam conosco, porque quem é de Deus ouve a palavra de Deus”. E na verdade, às vezes isso é resultado de orgulho e não de realidade espiritual. Jesus disse que não fomos nós que o escolhemos, mas ele nos escolheu, nos nomeou, nos designou para que fôssemos e déssemos frutos e os nossos frutos permanecessem. João 13 diz que ele tendo amado os seus, amou-os até o fim. E nós somos testemunhas de ondas de facções, de ministérios rompidos, de pessoas abandonadas e não reconhecemos que os nossos odres são ultrapassados, não comportam o novo de Deus, e as pessoas estão sendo, muitas vezes, derramadas pela nossa altivez, pelo nosso idealismo, e nós pensamos que isso é obra do Espírito Santo.

Então nós temos que refletir que existe um tempo de sementeira, como diz o salmo 126: “Os que semeiam com lágrimas, com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando enquanto semeia...”. Isso quer dizer que o período da sementeira não é período de colheita, é período de choro, de lágrimas, de quebrantamento, de solidão, de deserto. Mas depois o salmista diz: “... voltará com júbilo trazendo os seus feixes, as suas colheitas”. É estranho que entrem anos, décadas e parece que estamos sempre no período da sementeira. Precisamos realmente discernir se nós estamos num tempo de sementeira ou se nós estamos num tempo de enganos porque estamos aprisionados a estruturas velhas que impedem o mover do Espírito Santo e fazem com que as pessoas sejam derramadas, colocadas pra fora. Porque às vezes o nosso caminho não é fundamentado na pessoa viva de Jesus, mas em dogmas, lideranças, experiências, tradições. Todos esses ícones são focos de divisões. Somente a revelação de Cristo e o entendimento de que sustentar a unidade do Espírito é maior que desenvolver ministérios solitários poderão nos fazer caminhar juntos.

A nossa grande missão hoje, ou responsabilidade, é voltar aos fundamentos da palavra e entender que esses fundamentos não são acadêmicos, não são teológicos no sentido mais exato da palavra, mas orgânicos, são vida, revelação da pessoa de Jesus, palavra de Deus sustentada na Escritura, porém revelada pelo Espírito Santo; é ministério do Espírito, serviço funcional, e não cargos posicionais. Nós precisamos realmente refletir em que fundamentos nós estamos alicerçados e o porquê de os nossos ministérios e a nossa caminhada serem tão embaraçosos. É óbvio que problemas sempre estarão acontecendo porque estamos numa transição. Se o problema é o confronto da verdade de Deus derrubando o que não é verdade, isso é normal, mas se o confronto é resultado de altivez, de insistência no passado, aí sim é um problema grave. Nós estamos insistindo com o que, afinal de contas? Nós estamos nos posicionando sobre o que, afinal de contas? Qual é o nosso testemunho, qual é a nossa missão? Se estamos defendendo alguma coisa, o que nós estamos defendendo? Nós realmente precisamos de um ambiente de desafio para poder descer a avaliação às raízes do nosso estilo de vida de igreja e de ministério para checar se, de alguma maneira, nós não deixamos o evangelho genuíno e migramos para um outro evangelho; se o resultado das comunidades que nós temos hoje é fruto de tradições humanas, ou se elas são resultado da revelação gradual de Jesus que nós estamos tendo.

Quando eu penso em Pedro e nesse processo da obra de Deus no livro de Atos, eu penso que isso deverá gerar humildade bastante da nossa parte porque nós estamos muito distantes do que Pedro presenciou e, às vezes, temos um orgulho tão alto de achar que já chegamos a uma posição muito elevada. Somos críticos demasiados.

A Palavra invalidada pelas tradições

Jesus disse aos mestres da época em Marcos 7.13: “Vocês estão invalidando a palavra de Deus por causa das suas tradições”. Eles não liam as Escrituras, mas as próprias opiniões

que projetavam nas Escrituras. Jesus estava lhes dizendo que eles não liam as Escrituras. Mas como, se eram mestres da palavra? Como alguém pode falar para um mestre da palavra que ele não está lendo a palavra? Eles liam a palavra, porém com ótica diferente. Eles não estavam encontrando os pensamentos de Deus na palavra escrita porque não dependiam do Espírito Santo. Eles estavam projetando suas opiniões na palavra escrita e torcendo-a para justificar suas opiniões. Daí saem as tradições, e então é preciso invalidar a palavra. É possível que nós usemos a palavra e ela deixe de ser a palavra para se transformar em heresia, porque heresia, na verdade, é colocar um pouco de engano, de mentira, no meio da verdade, ainda que de uma grande verdade. Aí temos uma heresia. Então só em mudar a intenção da palavra, por mais ortodoxos que sejamos, nós já nos tornamos hereges. Pode-se tornar fundamentalismo. Ortodoxamente está tudo certo, teologicamente está tudo correto, mas o espírito está errado, o foco está errado, logo a maneira de usar e os resultados serão errados.

A bíblia não foi dada como um método correto, como um livro de sistemas lógicos. Ela foi dada como uma carta de uma pessoa apaixonada – Deus – querendo encontrar pessoas apaixonadas também por ela. Ler a palavra para encontrar a pessoa de Jesus é o início mais simples e mais possível de se ter um conhecimento bíblico adequado. Mas ler a palavra pra obter conhecimento e descobrir meios de ter um melhor ministério é um berço para o desvio. Portanto é possível, como os escribas, estarmos com muitos conhecimentos, mas invalidando a Palavra de Deus por causa das nossas tradições. Se a igreja for liderada por ministérios espirituais – e ministérios espirituais são pessoas não prepotentes, pessoas que nem sequer querem ter ou ser alguma coisa, mas estão sendo atingidas pelo clamor do coração de Deus, estão acordando para o tempo de Deus –, então poderemos ter comunidades vivas, comunidades que se tornarão frutíferas. Mas entenderemos que frutificação não se limita apenas à salvação de almas; tem, antes, a ver, essencialmente, com a transformação de vidas à imagem de Jesus. O pensamento de Atos sobre o crescimento é o seguinte: quando a palavra de Deus cresce, a igreja cresce. Quando a palavra de Deus diminui, a igreja diminui. Nosso pensamento é assim: quando a igreja cresce em número, a igreja cresceu.

Jesus não pensava assim. Em Lucas 12, multidões concorriam a Jesus e se atropelavam umas às outras. Jesus virou primeiramente pros discípulos e disse: “acautelai-vos do fermento dos fariseus”. Em outra ocasião (Lucas 14:26), ele disse às multidões que o seguiam: “se alguém quiser vir após mim e não aborrecer pai, mãe e a si mesmo, não pode ser meu discípulo”. Ele não calcula, não soma crescimento com movimentos humanos, com aglomerações de pessoas, mas como resultado da revelação da Trindade, da comunhão com a Trindade. E quando as pessoas entram nesse espírito de comunhão, quando a palavra está crescendo, então a igreja está crescendo em vida, em expressão do mistério de Deus. Isso do ponto de vista bíblico é crescimento. Nós podemos ter uma igreja com 40 pessoas e ela ser muito maior do que um lugar que tem 4, 5, 10 mil pessoas. Porque o que pesa é a revelação de Jesus Cristo em vidas. Deus quer encher o universo com a pessoa do seu Filho.

Então não importa o quanto lemos, estudamos e fizemos seminários. Importa o quanto estamos vendo, tocando na palavra, e o resultado disso é comunhão no Espírito Santo do Senhor vivo entre nós. Existe uma diferença entre sermos pessoas institucionalizadas, paralisadas e sermos pessoas que procuram contactar o Senhor vivo. O resultado é bastante diferente. O irmão Peter Parris disse que o institucionalismo pode ser identificado com a incapacidade de mudar, com a solidificação do flexível e o transitório, tornando-se permanente. A incapacidade de mudar representa que estamos aprisionados, mesmo em coisas boas que Deus deu para nós. Eu queria indicar o livreto “Estrutura e espontaneidade” (disponível no site da Revista Impacto), que trata bastante desse aspecto de vinho novo e odres novos e como evitar o institucionalismo.

Alguns aspectos da migração

Eu vou mencionar alguns aspectos da migração. Em primeiro lugar, a igreja, no sentido bíblico, nada mais é do que a comunidade de pessoas que vivem a vida de Jesus. Claro, se a gente perguntar a um guarda ali na esquina ou a qualquer outra pessoa se eles podem nos levar à igreja, eles vão nos levar a um prédio com uma placa. Se fosse na época primitiva, alguém nos levaria a uma casa onde estariam famílias compartilhando vida porque encontraram o Senhor que mantinha comunhão com o Pai e o Espírito. Essas pessoas foram introduzidas na comunhão da Trindade. Se a gente voltar ao pensamento do Senhor, vamos verificar que a palavra que está sendo ministrada em nossos dias está saturada de paganismo. Às vezes nós chamamos de igreja o que de maneira nenhuma pode ser igreja. Seria o mesmo que chamar a minha esposa Miriam de prédio. Enquanto eu não tenho consciência disso, é tolerável, mas se eu quero um relacionamento vital, eu tenho que voltar ao princípio de que o nome de cada coisa representa o conteúdo exato de cada coisa.

O que a igreja é pra nós? Os apóstolos usaram palavras inspiradas pelo Espírito Santo que revelavam conteúdos de realidades espirituais. Então a nomenclatura das coisas dão exatidão às coisas. As palavras são a casca do conteúdo. Se eu quero chegar ao conteúdo, as palavras indicam isso. Somos hoje uma igreja cheia de paganismo. Se entramos num processo de migração bíblica, apostólica, nossa linguagem também tem que ser purificada. Se eu estou no lugar onde não há comunhão, onde não há um vínculo do Espírito com duas, três ou quatro pessoas; se os meus filhos não têm um ambiente onde eles são adentrados com simplicidade para fazerem ou se tornarem parte da comunidade local; se as coisas simples como comer, como andar juntos, como compartilhar coisas são vistas como um problema ou como uma coisa mundana, eu não estou num ambiente de igreja. O ambiente de igreja nos corrige, nos protege, nos disciplina, nos leva a realizar coisas juntos. É muito comum encontrarmos multidão de pessoas que se dizem igreja e, no entanto, individualmente, estão todas isoladas. Muitas vezes, o maior ícone de divisão dentro de uma casa não é a escola, faculdade ou trabalho, mas a igreja institucional. O marido congrega numa “igreja”, e a esposa, em outra, ou

um deles vai obrigado porque perdeu essa ótica de que a expressão da igreja nasce dentro da casa.

Portanto a igreja é a comunidade de pessoas que vivem pela vida de Cristo. Nós sabemos que na época em que Jesus veio já havia sacerdotes, escribas, mestres na palavra judaica, e Jesus não chamou nenhum deles para ser essencialmente o seu seguidor. Ele chamou pessoas completamente inadequadas, ele chamou pessoas simples. Por quê? Porque ele não buscava continuidade da religião. Ele buscava implantar a comunhão da Trindade na terra. E o que ele fez com os discípulos foi relacionamento. Voltar a esse princípio de comunhão seria um elemento essencial dessa migração.

Na época em que Josué foi colocar o povo dentro da terra prometida, Deus estabeleceu uns princípios para que saíssem de uma estação para outra. E eu penso que são princípios bem adequados pra nós. A arca tinha que ir à frente. E só poderia ser levada por levitas. E não por um só. Seriam pelo menos quatro, e o povo ficaria a cerca de 2000 côvados de distância para não haver juízo de Deus. Quando esses sacerdotes levitas pisaram na água do Jordão, então o rio se abriu. Eles estavam saindo do processo de deserto para entrar em Canaã. Vamos chamar isso de migração, uma figura pra nós. Não poderemos entrar no novo de Deus se não entendermos que a arca tem que ir primeiro. A arca para nós seria o testemunho vivo de Jesus. Se nós não nos voltarmos a essa pessoa, a essa centralidade, a essa base de comunhão, nós continuaremos dando voltas no deserto. E esse retorno pra esse princípio não é feito por um líder, por um homem, mas pela coletividade. Um sacerdote, um levita não poderia levar a arca sozinho.

Interessante que Paulo fala de apóstolos, profetas, evangelistas e mestres no livro de Atos. Nós encontramos hoje obreiros querendo levar a arca sozinhos. Eles acham que têm a revelação total. “Eu sou o profeta, o evangelista, o mestre”, se autointitulam. Levam um fardo tremendo nos ombros, e o rio não se abre, e o povo continua no deserto.

O que Deus está fazendo é juntar pessoas com chamamentos diferenciados no estilo, mas cujo conteúdo é o mesmo. E o que quer colocar nos nossos ombros é o testemunho do seu Filho em nós. Essa arca representa Cristo, madeira de acácia. É a sua humanidade revestida de ouro. O povo ficava a dois mil côvados de distância justamente por esse princípio de autoridade, de limites nas esferas espirituais. Muitas pessoas estão correndo de um lado pro outro porque não encontram facilmente pessoas cuja mensagem central é o evangelho revelando Jesus. Não estão encontrando a arca.

Então voltar à comunhão e ao testemunho do Senhor para que nós possamos encontrar esse milagre de Deus e abrir esse Jordão da morte – porque nós estamos secos – é um outro processo da migração. Se queremos migrar realmente, a nossa comunhão, os nossos arranjos têm que ser de volta a essa pessoa. O milagre de Deus sempre esteve com a arca. Deus, no V.T., sempre insistiu que a arca tinha que ir primeiro. E nós encontramos Paulo e os outros apóstolos ministrando Cristo, e onde Cristo era ministrado pela Palavra, então o milagre acontecia. As igrejas eram fruto da revelação de Jesus Cristo. Nós não podemos sequer

pensar que temos igrejas bíblicas onde a pessoa de Jesus Cristo é negligenciada. Nós temos movimentos. Não quer dizer que não somos salvos pela graça, mas eu me refiro a testemunho.

Nós precisamos, portanto, migrar dos cargos posicionais para os ministérios funcionais. A igreja institucional deu cargos para nós. O posto legitima a autoridade, mas biblicamente a vida legitima autoridade. E autoridade não era para controlar, mas para nos fazer escravos uns dos outros e ministrar Cristo e a revelação de Deus uns pros outros. No lugar de títulos e cargos, teremos pessoas que fluem porque têm vida. O ministério se identifica como? Às vezes, falamos: eu não sei qual é o meu dom. Pensamos que se ganharmos um cargo, passaremos a ter um dom. Mas Paulo diz, em Efésios 4, que a graça foi dada a cada um de nós segundo a proporção do dom. Então você tem dom onde você tem graça. Se você tem graça pra cuidar dos pobres, aí está seu dom. Concentre-se não onde está a possibilidade de você fazer uma grande coisa, mas onde está a graça e a vida de Deus fluindo em você para atingir pessoas.

Jesus não começou seu ministério quebrando sistemas. Jesus começou seu ministério transformando vidas. Nessa questão de migração, a nossa luta não é quebrar sistemas. O nosso chamamento é revelar uma pessoa, uma pessoa gloriosa, que é Cristo. Quando nós temos Cristo, nasce a igreja, e quando nasce a igreja bíblico-orgânica, então o sistema perde a força e cai. Lutar contra o sistema é atrair a síndrome de Frankstein pra si. Você vai morrer lutando contra ele, e ele vai te vencer. É um espírito que está por detrás de tudo isso.

Outro ponto importante é trabalhar pra transformar crentes passivos em membros ativos do corpo. Não entender que a igreja está boa porque tem muita gente sentada ouvindo a palavra. Não! Isso vai nos levar a um outro ponto: nós precisamos voltar à função principal do ministério. Efésios 4 diz que o ministério foi dado para capacitar os santos para que eles possam funcionar. A função de um mestre não é essencialmente ensinar a palavra. A função maior de um mestre é ensinar outros a ensinarem a palavra. Se ele ensina sem levar outros a ensinarem o que ele está ensinando, ele não é um mestre, biblicamente falando. A função de um pastor não é simplesmente pastorear, mas pastorear a tal ponto que levante os pastoreados para pastorearem outras pessoas. O institucionalismo levou os ministérios a uma posição oficial, e os membros se tornam passivos. Aí não temos corpo; nós temos estruturas, programas. Mas se vamos voltar ao princípio de igreja orgânica, ninguém se deve dar por satisfeito se tiver trabalhando e não multiplicar talentos.

Hoje uma grande dificuldade entre as igrejas hierárquicas, institucionais, é que não há multiplicação de liderança. Mesmo numa empresa, isto é uma anomalia: você encontrar um líder controlador, encontrar alguém que está prestes a sofrer uma parada cardíaca. Ele não sabe delegar, não sabe distribuir. Ele nem tem tempo de ganhar dinheiro porque trabalha e resolve todos os problemas. O bom líder é aquele que passa despercebido justamente porque colocou todo mundo para funcionar. Se ele faltar, as coisas continuam funcionando porque a base do funcionamento não é ele, mas a capacitação de cada um para aquilo que foi chamado. Aí as coisas podem funcionar.

Hoje a mola mestra que está sustentando uma igreja institucionalizada é o ativismo ministerialista, que substitui o corpo de Cristo. Voltar para o estilo de igreja bíblico-orgânica representa a morte ministerial para esse estilo de ministério posicional.

Um outro ponto: nós precisamos resgatar a função de ministérios itinerantes, extralocais. Vocês devem se lembrar que Paulo fundava igrejas simplesmente pregando Jesus. E não deixava um credo, um dogma, um manual. As pessoas surgiam na base da comunhão, pela pregação do evangelho. E o que Paulo fazia depois? Ele ia embora. E quando Paulo ia embora, quem ficava? O Espírito Santo. Hoje os obreiros ficam, e o Espírito vai embora porque os obreiros substituem o Espírito Santo. Se a igreja é nossa, gasta-se bastante energia, cria-se muito sistema para sustentá-la. Agora, se a igreja é de Deus, é o Espírito Santo quem tem que conduzir as coisas. Nós seremos apenas cooperadores. Como os obreiros hoje são muito fortes, as igrejas são passivas, dependentes da função da liderança. Em Atos, os obreiros se retiravam das igrejas novas e multiplicavam a vida pra outro lugar. Depois os obreiros extralocais, os itinerantes, voltavam pra confirmar aquilo que o Espírito Santo estava fazendo e reconhecer os anciãos. Não eram cargos posicionais. Eram simplesmente pessoas em quem o Espírito Santo tinha gerado mais maturidade para poder ajudar os outros. Eram pais espirituais.

Esse caminho nos ensina que irmãos que têm cargos extralocais não devem administrar as igrejas locais. Essa é uma cruz que raramente queremos. Porque hoje as igrejas locais não são administradas por irmãos locais. Elas estão numa rede de obra, e a obra opina e dirige. Biblicamente, as igrejas são locais. A responsabilidade de autonomia é local. E a função dos ministérios extralocais é ajudar com o ministério da palavra, transmitir conteúdo, revelação do mistério de Cristo e ajudar os irmãos locais a permanecerem no caminho, mas nunca fazer por eles. Quando nós encontramos um obreiro extralocal que é um administrador de rede, ele realmente saiu fora do princípio bíblico de ministério. Os homens da palavra no N.T. não faziam outra coisa a não ser ministrar ao Senhor através da oração e da palavra. E os anciãos locais cuidavam das demais coisas. Eles até participavam do conselho, mas o seu chamamento específico não era gerenciar, administrar. Por não termos isso, o que nós às vezes geramos? Igrejas padronizadas. No livro do Apocalipse, o Senhor fala a cada igreja segundo a sua realidade. Mas nos dias de hoje, quando temos uma rede de igrejas governada por uma obra controladora, não temos realidade espiritual diferenciada. Nós temos uma padronização.

Então se o Espírito Santo quer iniciar algo novo numa cidade, ele não pode ou, com aquela comunidade, ele não pode. Por quê? Porque tem um centro controlador. Esse realmente é um problema gravíssimo. Muitos já ouviram falar dos Irmãos Unidos (Darby, MacIntosh, entre outros irmãos do século XIX). Deus usou tremendamente o ministério desses mestres para impactar o mundo com um novo mover maravilhoso, mas aconteceu uma coisa negativa que temos que entender: eles enfatizaram demasiadamente assuntos e práticas que não eram essenciais. E isso era uma tentativa de padronização. O que aconteceu? Uma grande divisão entre os obreiros. Só no norte da Venezuela existem cerca de 100

congregações dos Irmãos Unidos fechados, terminologia que os diferencia e separa dos Irmãos Unidos abertos. Eles se dividiram por pontos não essenciais.

Obreiros da palavra cuja marca central não é a revelação de Cristo e o evangelho representam doença espiritual. Estamos institucionalizados em algo que nos impregnou com a visão idealista: as coisas têm que ser do jeito que eu quero que sejam. E ainda que esse idealismo seja o mais adequado, não respeita as iniciativas simples do Espírito Santo. Temos dificuldades de praticar o simples porque queremos uma coisa milagrosa.

Isso aconteceu com o talvez maior movimento dos últimos três séculos em relação à restauração. Quem já não ouviu falar da igreja local? Algo maravilhoso começou na China com Watchman Nee e outros irmãos, mas depois a obra e os obreiros se tornaram o centro controlador. E houve uma institucionalização ministerial. E isso resultou em exclusivismo. São movimentos e iniciativas que Deus tem feito ao longo dos muitos anos, mas quando seus instrumentos se aferram a pontos não essenciais, quebra-se a corrente do Espírito Santo, e em lugar de aparecer comunidades locais como testemunho do Senhor, produzem-se comunidades como testemunho de um ministério, de uma prática, de um dogma.

A necessidade de equilíbrio e flexibilidade

Precisamos andar pelo caminho que vai nos levar a migrar de uma igreja de programas para a comunhão do Espírito Santo. Temos um desafio. Eu tenho dito que a maior expressão da igreja atual é a reunião da igreja, mas nos dias de Atos, a menor expressão da igreja era a reunião da igreja porque a igreja era um estilo de vida diário. Porque não temos comunhão, nós temos programação, e aí está a igreja. Retirando-se a programação, acabou a igreja. Isso mostra que a igreja sustentada na base de programas não tem vida espiritual própria.

Se vamos partir por esse caminho, então vem o desafio dos templos para as casas. Eu queria recomendar um livro, “Vinho novo em odres novos”, do Snyder, especialmente a parte em que ele trata sobre a questão dos templos. Ele não está necessariamente condenando a reunião geral da igreja, mas o paradigma da paralisação. Jesus falou “Ide”, e a gente fala para as pessoas: “Fiquem dentro do templo”. Jesus falou: “Vão até às pessoas”. Nós falamos: “Tragam as pessoas pra dentro do templo”. O Senhor fala pra nós termos comunhão, e nós levamos as pessoas a ficarem sentadas por horas com a poupança num banco duro num local onde não tem cafezinho, água. É uma coisa muito complicada.

Eu queria terminar dizendo o seguinte: nós precisamos, como eu iniciei dizendo, do equilíbrio entre vinho novo e odres novos. Nós não podemos também cair numa irresponsabilidade espiritual porque nós precisamos nos preocupar com a transição que a obra do Senhor está vivendo hoje. O livro de Atos mostra isso. E a história do povo de Deus no V.T. também mostra isso. A revelação é cumulativa. Ela não é alguma coisa que se quebra repentinamente para dar lugar a algo novo. Ela é gradual, sempre constante. Nós podemos

perder o vinho por não sabermos administrar o processo. Então temos que ter amor e longanimidade com as vidas.

Tomemos como exemplo Romanos 14: por que Paulo não falou que o sábado é Cristo? Porque eles não precisavam guardar o sábado. Por que ele não falou que podiam comer de tudo? Porque os animais imundos eram figura dos gentios. Por que ele não deu uma resposta pronta e quebrou aqueles possíveis extremos religiosos? Paulo fala o seguinte: “quem quer comer, pro Senhor come; quem quer guardar dia, pro Senhor guarda”. O que Paulo estava valorizando ali? Transição cultural, iluminação espiritual e comunhão ou unidade. Se Paulo falasse “para de guardar o sábado porque o sábado é Cristo”, as pessoas provavelmente parariam de fazer isso. E por que parariam? Porque Paulo havia falado e não porque tiveram revelação de Cristo. No lugar de entrar no descanso, elas teriam perturbação. Nós podemos falar muitas coisas corretas, que as pessoas vão até obedecer, mas se não for pela revelação, estaremos implantando uma estrutura velha novamente. Isso não é o novo do Senhor. Paulo respeitou iluminação, princípio da comunhão e transição cultural.

A igreja, por um lado, é um organismo cósmico porque ela está no propósito eterno de Deus, mas ela está atravessando a história onde existe o processo de cultura. Temos que fazer curva. No final de Mateus 9, vemos uma grande multidão seguindo a Jesus e ouvindo dele que orasse para Deus enviar trabalhadores a sua seara. E trabalhadores ali eram pessoas que iriam colher, pastorear. Não havia ali o pastor? Como Jesus pode mandar pastorear, se ele é o sumo pastor? No capítulo 10, ele enviou os trabalhadores que o Pai lhe deu para as casas. A maneira de pastorear seria na base de comunhão menor nos lares. Mas Jesus não abandonou o princípio da multidão. Em outra ocasião, ele falou pra Pedro: “apascenta as minhas ovelhas”. Ou seja, mandou Pedro fazer uma coisa que ele não tinha conseguido fazer: pastorear multidão. Mateus 9 mostra isso: Jesus viu a multidão e esta era como ovelhas que não tinham pastor, embora ele estivesse ali. E então ele mandou Pedro apascentar. Mas o que Pedro fez? Vemos que os apóstolos ministravam às multidões, mas eles tinham comunhão, oração e partir do pão nas casas. Percebemos que há um pêndulo de equilíbrio entre a reunião geral ou multidão e a comunhão da igreja nas casas.

Nós, às vezes, ou só queremos reunião geral e sufocar a comunhão nas casas, ou queremos só casas e esquecer que a igreja é um povo único e que Deus quer celebração, testemunho e proclamação. Várias passagens na bíblia mostram a igreja se reunindo no mesmo lugar. Não que havia um dia, mas um encargo apostólico, um encargo de celebração, o que fazia com que eles se encontrassem.

Paulo, dirigindo-se à igreja em Corinto, diz: “quando a igreja toda se reunir num lugar”. Ele fala essa frase três vezes, no capítulo 11 e no capítulo 14. Lucas, no capítulo 20 de Atos, verso 20, diz que Paulo ensinou publicamente e pelas casas, e em 5.32 diz que os apóstolos pregavam e ensinavam publicamente e pelas casas. Então não precisamos de um templo, mas não seria inadequado, e na verdade é equilibrado que, de tempo em tempo, a igreja espalhada pelas casas como organismo, como família, se encontre pra proclamação.

Que o Senhor realmente nos ajude em tudo isso. Eu sei que falei várias coisas, mas essencialmente tem sido o que tenho trabalhado nas várias cidades onde, pela graça de Deus, tenho encontrado pessoas. A grande preocupação, irmãos, é como fazer a curva. Jesus não dissipou as multidões, mas distribuiu essas multidões levantando e multiplicando ministérios pelas casas. Às vezes nós matamos o povo por essa falta de flexibilidade. Que Deus nos leve ao equilíbrio em todas as coisas.

Gerson Lima, 41 anos, é casado com Miriam e tem três filhas: Pérsida, Gérsica e Síntique. Reside em Monte Mor SP e contribui com o ministério da Palavra em várias localidades. Faz parte do Conselho Editorial da Revista Impacto e é co-editor da Editora dos Clássicos. E-mail: napalavra@yahoo.com.br